

HUGO MAXIMO

FANZINE MENSAL
AGOSTO - 2010

NUNCA SE SABE

VOL. 3

AMANDA CANOBRA

ESTÁ VIVENDO:

A NOITE DE UM DIA DIFÍCIL



UMA AVENTURA PULP FICTION

ESTE MÊS!!!

HANARCÔNICAS

SIM, NOS NÃO ESTAMOS NEM AÍ



FOHETIM MENSAL

A NOITE DE UM DIA DIFÍCIL

FOLHETIM MENSAL

RAMONA DOIS PONTO ZERO

GALERIA DE CAPAS

PARA INSPIRAÇÃO

PRA COMER NA FRENTE DO COMPUTADOR

RECEITAS RÁPIDAS

CURTAS METRAGENS

CONTOS

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A FÚRIA DO SEXO FRÁGIL CONTRA O DRAGÃO DA MALDADE

FOLHETIM MENSAL

CAFÉ, CIGARROS E APOCALIPSES

POR UMA VIDA NA MATRIX MENOS ORDINÁRIA

ÀS VEZES É FODA

O FANZINE NUNCA SE SABE É UMA PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE SEM FINS COMERCIAIS. TODO CONTEÚDO UTILIZADO ENCONTRA-SE DISPONÍVEL NA INTERNET E É USADO APENAS COMO DIVULGAÇÃO.

HUGO MAXIMO

NUNCA SE SABE



"Tenho compulsão em contar a amigos e estranhos sobre as coisas de que gosto. E contar às pessoas sobre coisas das quais gosto fica muito, muito mais fácil se eu puder mandar o que escrevo a elas. Muito mais fácil. Além do mais, as redes P2P são fantásticas. A maioria dos livros, músicas e filmes que são lançados não estão disponíveis para venda na maior parte do mundo."

[Cory Doctorow]

Este fanzine serve única e exclusivamente para divulgação de ideias, literatura e arte gráfica. Aprecie com moderação. Quer participar de alguma forma? Entre em contato e pergunte-me qualquer coisa. Sempre estou aberto à parcerias, troca de ideias e ajuda mútua.

Oi, me chamo Hugo, sou escritor e artista gráfico. Você pode saber um pouco mais sobre meu trabalho acessando meu blog pessoal <http://matrixordinaria.blogspot.com/>

Quer participar com contos, folhetins, histórias em quadrinhos e/ou ilustração? Entre em contato: hanarquia@gmail.com

<http://matrixordinaria.blogspot.com/>

<http://twitter.com/Hanarquia>

HANAR CRÔNICAS

PEQUENO TEATRO DOS HORRORES: A BOLA DA VEZ

Cena: garoto sentado no banco.

(homem entra em cena)

Homem diz: ei garoto, você está fora. Pega suas coisas e vai pra casa.

Garoto diz: eu? Porquê?

Homem diz: a bola passou e você não pegou. Agora vai!

Garoto diz: eu não sabia que era a minha vez, eu...

Homem diz: não interessa se você não sabia, não interessa se você não estava preparado e não interessa se você teve medo. Acontece. A bola passou e você não pegou. Melhor sorte se houver uma próxima vez, agora cai fora!

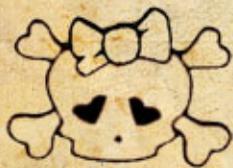
(garoto sai agitando os braços)

Garoto diz: vida de merda!

"Tudo que você precisa para um filme é
uma arma e uma garota."

Jean-Luc Godard

Folhetim
mensal



RAMONA

2 PONTO ZERO

HUGO MAXIMO



Capítulo 03

Ramona saiu literalmente voando por uma janela. Vidro para todos os lados. Gritos de demônios em seu encalço. O choro estridente de uma criança a lhe perfurar os ouvidos. Caos.

— Ah merda! — Gritou em pleno ar. Sentia vidro batendo-lhe na pele do rosto. Sentia cacos de vidro por todo o cabelo.

Perdera uma das armas lá dentro. Não havia conseguido recarregá-la. Acabou atirando a peça como se fosse uma pedra. Algo a havia cortado na altura do ventre. Provavelmente um dos hospedeiros, ou talvez a ponta partida de algum móvel. Estava uma loucura lá dentro. Um inferno. A escuridão era pontilhada de luz apenas pelos disparos. Vultos e mais vultos. Encontrar a criança fora quase um milagre.

Ramona apenas seguiu atirando e batendo para todos os lados. Só não atirava na direção do choro do bebê.

Agora, do lado de fora, sentiu a brisa que lhe trouxe algum alívio. Sentia também o sangue escorrendo pelo corpo, empapando suas roupas.

Ramona caiu de joelhos apoiando-se no chão com a arma na mão direita. O braço esquerdo estava junto ao corpo protegendo o bebê recém nascido envolto em trapos. Olhou pra a criança que berrava à plenos pulmões. Não sabia o que dizer para acalmá-la, já que ela mesma não sabia o que fazer para se acalmar.

— Merda — disse por fim. Não que isso fosse servir para alguma coisa. Respirou fundo e tentou se levantar. O corte na barriga pareceu em chamas. Arqueou-se novamente e por pouco não caiu de cara no chão por sobre o bebê.

Olhou para trás e viu que as coisas começavam a derramar-se pela janela arrebentada. A maioria ainda parecia bastante humana, com exceção dos olhos amarelos e dos dentes anormalmente grandes e enviesados. Alguns tinham os ossos estranhamente alongados, esticando as peles secas e ensecadas. Pareciam cotovelos alongados, dedos alongados e omoplatas saltadas como cotocos de asas prontas para nascer.

Buscou pelo céu e viu que estava escurecendo. Havia algumas nuvens a oeste. Seria uma noite sem lua, fria e escura. Ramona refletiu sobre suas possibilidades. Tinha um longo e árduo percurso diante de si. Precisava dar a volta para chegar até o carro. Não precisava ser assim, devia ter se preparado melhor. Amaldiçoou-se por não ter trazido uma grana no bolso da jaqueta.

— Não sai de casa sem elas, sua idiota!

Virou-se sentando-se no chão. O corte ardeu pra burro durante a manobra. Ainda mantinha a criança no braço esquerdo, junto ao corpo. Com a mão direita soltou a trava e com um clique seco o pente de balas vazio caiu no chão poeirento. Olhou para a arma descarregada e depois para o bebê e por alguns segundos na soube bem o que fazer em seguida. Estava perdida, algo ali não fazia parte da equação.

— Isso é novo — pensou.

Sem escolha. Colocou a criança no chão com todo cuidado e em seguida buscou um pente carregado no bolso interno da jaqueta.

— Desculpe meu bem. Nada pessoal. Vou tirar você daqui, eu prometo.

Olhou para as criaturas e elas continuavam avançando. Duas já estavam do lado de fora e um punhado delas se avolumava na abertura da janela. Estavam quase no estágio final. Os corpos dos hospedeiros estavam em avançado estado de decomposição. Isso deixava as coisas mais fáceis. Pelo menos isso. Aceitou essa pequena dádiva do destino sem questionar. Afinal, era seu aniversário. Eles estavam moles e lentos. Contudo, ainda sim mortais. Tudo o que precisavam era alcançá-la, mas Ramona não deixaria acontecer. Pelo menos iria tentar.

— Pronto — disse ao recarregar a arma.

E começou a disparar. Dois tiros. Instantaneamente e, como mágica, um furo negro apareceu na testa de cada uma das duas criaturas que mancavam em sua direção. Ambas caíram para trás. Neste estágio as coisas são simples. Basta matar o cérebro, e o elo de conexão entre os demônios e os hospedeiros é rompido. Um tiro na cabeça ou mesmo um na coluna e a coisa se desliga.

Tontura.

— Agora... o quê?

O mundo pareceu escurecer rapidamente. Tudo saiu de foco. A arma pareceu pesar uma tonelada em sua mão e ela quase a derrubou.

— Não — sussurrou.

Estava perdendo muito sangue e não conseguiria ficar acordada por muito tempo. Respirou profundamente tentando clarear um pouco a visão. Então disparou a esmo em direção a janela. Escutou estalos na madeira, nem ao menos havia acertado as criaturas.

— Se eu cair agora... não levanto mais — disse para si mesma. — Nunca mais.

Virou-se para a criança e tentou erguê-la com um só braço. Não conseguiu. Impossível. Então acomodou a arma entre a calça e a barriga e viu o sangue que empapava seu colo. A massa vermelha já começa a se aglutinar em alguns pontos.

— Ah droga! Isso não está certo! Isso não está nada bem!

Seus movimentos eram lentos e em sua mente seus pensamentos ficavam mais e mais turvos.

— Vem meu bem — disse ao erguer o bebê com as duas mãos.

Viu que elas estavam sujas de sangue. Nova onda de tontura. Não conseguiria chegar ao carro e se esse fosse realmente o caso, estava perdida. Lembrava-se de ter passado por posto de gasolina não há muito tempo. Poderia conseguir ajuda lá. Poderia...

— O que aconteceu? — Perguntou Ramona abrindo os olhos espantada enquanto sondava ao redor.

Estava no carro diante do volante. O bebê estava no banco ao seu lado.

— Devo ter apagado.

Não se lembrava de ter chegado ao veículo.

As coisas já estavam se aproximando. Precisava sair dali o quanto antes. Deu a partida e o carro pegou de primeira.

— Ótimo!

Pisou no acelerador e a máquina arrancou cuspidando terra com os pneus. Atropelou duas criaturas antes de conseguir chegar à estrada. Quando lá, rabeou um pouco e seguiu alguns metros pela contramão até finalmente conseguir controlar o automóvel.

— Calma — disse para si mesma. — Devagar e sempre. Devagar e...

Apagou novamente e quando abriu os olhos estava parada no acostamento. Não havia nada ao redor e não se lembrava de como havia chegado até ali. O bebê não estava mais chorando e por um momento Ramona entrou em pânico.

— Oh Deus!

A criança estava dormindo. Devia estar exausta. Ouviu um barulho de motor e pelo retrovisor viu que outro veículo se aproximava. Contudo, algo naquele carro parecia estar profundamente errado. Muito errado.



Continua na
próxima edição!

PARA COMER NA FRENTES DO COMPUTADOR

BOCA DE LOBO

INGREDIENTES:

Massa:

2 xícaras de farinha de trigo

1 xícara de maizena

3 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado sal

4 colheres (sopa) de margarina

2 gemas

1 colher (sobremesa) de fermento em pó

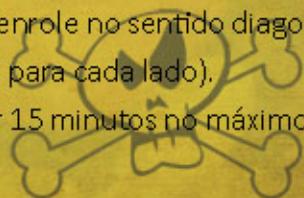
1 xícara de leite gelado

RECHEIO:

300 g de salsichas cortadas ao meio (pedaços pequenos) ou rolinhos de presunto com queijo (cortados em pedaços).

MODO DE PREPARO:

- * Misture todos os ingredientes e por último junte o leite aos poucos até dar o ponto.
- * Amasse bem com as mãos.
- * Abra a massa com o rolo.
- * Corte em quadrados.
- * Coloque o recheio (sentido diagonal) e enrole no sentido diagonal dobrando as duas pontas para cima (uma para cada lado).
- * Pincele gema e leve ao forno médio por 15 minutos no máximo.



CURTA METRAGEM

ALTO MAR



Diário de Emanuel Heitor Sales, 18 de outubro de 1972. (Encontrado no litoral Catarinense, dentro de uma garrafa)

O velho idiota está plantado na minha frente há quase vinte minutos. Ainda estamos aqui dentro. Hora bolas, o que eu tenho a ver com isso tudo? Não havia pedido por este passeio, eu era apenas um simples e cansado escravo moderno. Saía de casa antes do sol surgir e voltava somente depois dele se pôr. Acho que deveria poder aproveitar meu final de semana em paz. Mas Margarete, minha esposa, insistia que eu deveria aproveitar melhor meu tempo livre. Se é livre, por que eu tenho que aproveitá-lo?

O fato é que eu não tinha a mínima vontade de aproveitar nada, mas Margarete é um bocado persuasiva, como aliás, acredito serem todas as esposas. E aqui estou eu, sentado nessa droga de barco, com esse velho idiota

plantado em minha frente. Ainda estamos aqui dentro.

- Estamos mortos?
- Não sei, deixe-me pensar.

A situação toda é muito simples. Vou tentar explicar com calma, para ter certeza de que não estou maluco:

Tudo começou com a persuasiva da minha esposa, Margarete. Ela aboliu meu tempo livre. Este idiota plantado na minha frente é o Jorge, meu vizinho gordo e careca. Estamos num barco, não muito grande, mas também não muito pequeno. Ah! Estamos perdidos em alto mar, não sei dizer ao certo, mas acho que já estamos perdidos há três ou quatro dias. Nossa comida acabou há dois dias.

— É, Jorge, acho que morremos. Por que não pula na água?

— O quê?

— Sim, pule na água. Onde poderia arrumar um túmulo mais bonito que este, hã? Os faraós vão morrer de inveja. Ei, espere, os faraós já morreram. Que cabeça a minha Jorge, como pude ser tão esquecido?

— Sim... como pode ser tão esquecido?

Jorge não está batendo bem da cabeça. Começou a ficar assim há dois dias, quando a comida acabou. Estamos comendo peixes desde então. Acho que o Jorge não gosta de peixes. Ele está bastante confuso, um pouco desorientado, para não

dizer doido de pedra.

— Calma Jorge, o socorro logo virá.

— Você diz isso desde o primeiro dia, e isso foi há dez anos!

— Você está louco Jorge, sei que estamos aqui há quatro dias, talvez cinco, mas não mais que isso.

— Você é que está louco, seu imbecil! Temos comido peixe e bebido água da chuva há dez anos! Não há resgate, não há mais terra firme, provavelmente já rodamos o mundo todo, só Deus sabe como ainda estamos vivos!

— Ora Jorge, não banca o comediante, está tudo bem.

O Jorge é assim. Parecem que certas pessoas não conseguem lidar muito bem com grandes porções de água. Acontece.

— Olhe para minha barba e diga o que vê.

— Você precisa fazer a barba, Jorge. Disso não há dúvida.

— Então... acha que minha barba cresceu assim em apenas dois dias? Você é quem está louco!

Diário de Emanuel Heitor Sales, 23 de maio de 1995. (Encontrado no litoral Catarinense, dentro de uma garrafa)

Sinto falta de Jorge, não me lembro bem porque o matei. No fundo ele era um cara legal. Essa droga desse passeio está começando a ficar chato, bem que poderia aparecer um grupo de resgate ou algo assim. Estou perdido há três ou quatros dias, nossa comida acabou há dois dias.

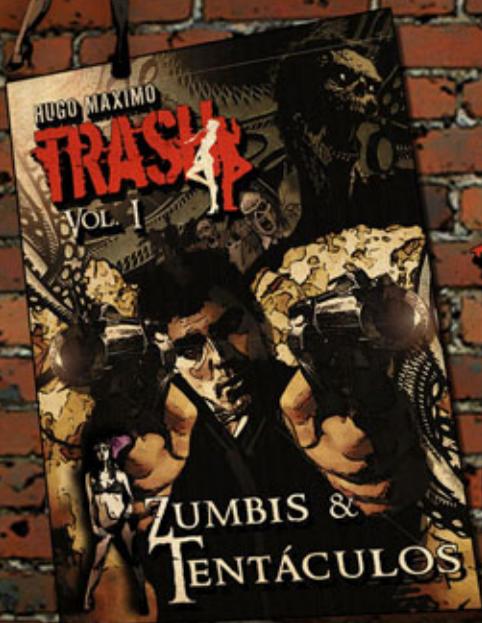


“UM LIVRO SOBRE ZUMBIS AO MELHOR ESTILO PULP FICTION.”

UNIVERSO INSONIA

“UMA HISTÓRIA SURREAL PELOS CLICHÊS DAS HISTÓRIAS TRASH DE HORROR DO CINEMA E DA LITERATURA PULP FICTION.”

SINOPSE DO LIVRO



HUGO MAXIMO

TRASH

VOL. I

ZUMBIS & TENTÁCULOS

Você pode encontrar a edição anterior
em <http://matrixordinaria.blogspot.com>

A FÚRIA DO

SEXO FRÁGIL

CONTRA O DRAGÃO DA MALDADE



HUGO MAXIMO



Ô QUÊ?



SILENCIOSO DEMAIS...

RÁPIDO DEMAIS...





UM CONTRATO
FALSO DE ASSASSINATO
FOI A MANEIRA MAIS
RÁPIDA DE TRAZÊ-LA
AQUI...

EU SOU
O DRAGÃO...

E AGORA
VOU ELIMINAR
UM ERRO DE
SÉCULOS
ATRÁS.

JAPÃO

EU ESTOU BEM...

PLEASE
Watch your step



LEVEI UMA SURRA,
MAS ACONTECE...



O DRAGÃO DISSE
QUE NÃO SOU BOA
O BASTANTE...



DISSE QUE NÃO
HONRO MINHA
PRÓPRIA TRADIÇÃO...



DISSE QUE SOU
FRACA DEMAIS...



ASSIM, ELE ESTÁ
LIBERADO DE SUA
MALDIÇÃO.

ISSO SIGNIFICA QUE
A MULHER QUE ME
TREINOU ESTA MORTA?



**CONTINUA NA
PRÓXIMA EDIÇÃO**

POR UMA VIDA NA MATRIZ MENOS ORDINÁRIA

LITERATURA:



GINEMA:



MÚSICA:

damien rice 0



BLOG'S LEGAIS:

<http://www.trezentos.blog.br/>

<http://www.boingboing.net/>

Café, Cigarros
e Apocalipses

Folhetim:
Mensal
Hugo Maximo



HM



Capítulo 3

Na manhã seguinte, quando abriu os olhos, ela soube que algo estava errado. Havia um cheiro diferente no ar. Era tarde. O sol já estava quase no meio do seu trajeto cotidiano. Levantou a cara amassada, ainda coberta pelos cabelos esparramados e olhou pelo vidro empoeirado e gorduroso do carro. Uma coluna maciça de fumaça branca desprendia-se do ponto onde ela havia acendido a fogueira na noite anterior. Algo não estava certo, não mesmo. Ele não poderia ter se soltado. Sua mãe havia lhe ensinado aquele nó. E caso tenha se soltado, porque não a atacou? É o que costumam fazer homens/animais das gangues de estrada, não é? O que ele estava pretendendo? Quem era ele? De repente um súbito pensamento entrou sorrateiro em sua mente, como uma brisa elucidativa vazando pelas frestas de uma casa. Não havia apenas silêncio naqueles olhos. Também havia dor.

Sem pensar o que fazer em seguida ela saiu do carro e parou diante da fogueira. Estava apertada. Sentia a bexiga inchada.

Depois, pensou irritada, depois. Primeiro vem sobrevivência, como costumava dizer sua mãe. Do outro lado da fogueira, além da coluna de fumaça, ele estava sentado com as pernas cruzadas, como um índio, manuseando algo metálico nas mãos.

A faca, pensou, levando as mãos a cintura. Ele pegou a faca! O rifle curto também havia sumido.

Ele quase sorriu. Quase. Mas ela notou. Sim, notou. Um leve tremor nos lábios, mínimo, mas que afastou por uma fração de segundos aqueles olhos de matador. Ele ergueu a faca para ela e a balançou um pouco, como quem diz: estou usando, pequei emprestado, devolvo depois. Havia sangue na lâmina. Agora ela havia notado. Havia sangue nas mãos, na faca e no chão. Ela soube que o andarilho percebeu seu espanto, pois rapidamente ele levantou pelas orelhas um coelho abatido. Também balançou um pouco o coelho. Ainda sem saber o que fazer ela olhou em volta, permitindo desprender-se dos olhos dele por um instante. Sobre um prato amassado havia pedaços de coelho assado. O cheiro era maravilhoso.

No fogo, pequenas tiras de carne estavam sendo defumadas, enquanto outras secavam ao sol.

Ele é esperto, pensou. Quase sorriu. Quase. Não sabia o que fazer. Estava perdida na situação. Quem era o prisioneiro de quem? Era prisioneira? Estava em perigo?

Sempre existe perigo nos tempos errados, ouviu sua mãe dizer na memória. Mas e agora, o que fazer? Talvez tenha ficado imóvel — imaginando como agir — por muito tempo, pois ele num gesto um tanto impaciente largou a faca e estendeu o prato de assado para ela. E ela apenas reagiu. Sentou-se próximo o suficiente para alcançar um pedaço fumegante de coelho. Ele bradou o prato impaciente até que ela segurou com os dentes o pedaço que havia pegado e retirou o prato da mão dele.

Já comi o bastante, disse apenas.

Obrigado, respondeu ela, chocada com a situação. Mas, sobretudo chocada e furiosa com sua timidez. Sua falta de jeito e direção.

Então ele colocou as tiras finas de carne na madeira sobre o fogo, limpou as mãos num trapo que estava jogado sobre sua perna e se levantou.

Num rápido movimento ele sacou o rifle de cano cerrado do coldre e ela quase gritou. Tinha um bom pedaço de coelho dentro da boca e teve que lutar para não se engasgar ao engoli-lo.

Ele se virou para ela, sabendo que a estava assustando e abriu o rifle. Virou para que ela visse os dois cartuchos colocados, cada qual em um dos dois canos. Depois voltou a fechar a arma e guardá-la no coldre. Tudo em questão de segundos. As balas, começou ele com as mãos na cintura, você tem mais?

Ela balançou a cabeça dizendo que sim, limpando a mão direita na calça e retirando alguns cartuchos do bolso da jaqueta. Por um instante, perguntou-se porque estaria entregando as balas de uma arma para um estranho. Mas no fundo, sabia a resposta. Caso não entregasse, ele pegaria de qualquer jeito. Alias, já poderia ter pegado se quisesse. Ele havia entrado no carro, não havia? Entrado no carro enquanto ela estava dormindo. Pegou pratos, pegou a faca, pegou a arma. Mas não a tocou. Não revistou os bolsos. Ele não a tocou.

Por isso ela estava lhe entregando os cartuchos, simplesmente porque ele não a tocou.

Obrigado, disse ele pegando o punhado de cartucho e enfiando no próprio bolso. Ficou com um nas mãos, examinando-o com os dedos ainda sujos de sangue e os olhos curiosos.

Dá pra ver que a parte de trás está marcada pelo cão da arma, disse. Parece que foi... reaproveitado. Quem fez?

Minha mãe, ela respondeu ainda mastigando.

Humm, fez ele. E onde está sua mãe?

Morta.

Ele se sentou diante dela e levantou seu queixo com o indicador curvado. Não pôde deixar de reparar na beleza jovem daqueles olhos azuis. Quando os olhos estavam na mesma altura dos seus, ele retirou a mão recolhendo o toque. Ela sentiu o cheiro do sangue do coelho nas mãos dele, mas não se importou. O lugar, no queixo, onde ele tocara ainda parecia formigar, com uma espécie de eletricidade.

O que quero saber é... quem é você?

Não posso dizer, ela respondeu rapidamente. Balançava a cabeça efusivamente. Não posso. Minha gente vive bem porque vive em segredo. Gangues não são bem-vindas, não são

não. Por isso não posso dizer. Não posso porque... não confio em voc... não confio em ninguém.

Ele não pareceu ofendido. Ele próprio não confiava nela, nem em ninguém. Ela achou que o andarilho misterioso ia esquecer o assunto, já que estava concentrado, olhando para o horizonte. Sem se voltar para ela, ele perguntou:

Você tem uma arma?

Perdi, respondeu pensando no encontro com a gangue de motoqueiros e em como quase foi violada. Mas não era cerrada como a sua, no cano e no cabo. Era grande, difícil de carregar. Fácil de perder. Sentiu-se tola por se justificar. Tola como uma criança.

Ele a olhou seriamente.

Vocês são uma tribo? Estão escondidos?

Ela fez que sim com a cabeça. Havia acabado de comer e colocara o prato de lado. Olhou de relance para o caixote, mas especificamente para as latas sobre a tampa, presas ao cinturão. O andarilho percebeu, pois caminhou até lá, retirou uma das latas e a atirou para ela, que bebeu avidamente.

Continua na próxima edição! 24

A COOL TRASH-PULP-FICTION'S CHARACTER:

a hot girl with a bad temper



A NOITE DE UM DIA DIFÍCIL

HUGO MAXIMO
UMA AVENTURA PULP FICTION
your best friend .



Folhetim mensal

clench the handle and the barrel



in case of zombies



do not leave home without it



daggers give it a nice touch

a cool car



HM

lots and lots of bullets



* do not forget the blood

Capítulo 2

O velho Mouse tinha um ditado a respeito dos mortos-vivos que era mais ou menos assim: “um morto-vivo bom é um morto-vivo morto”. Tanto redundante, quanto óbvio, eu sei, mas o velho Mouse não era conhecido por ser um cara brilhante. E em momento algum eu havia dito que era um bom ditado. Mas o velho Mouse era como o supracitado ditado, ou seja, prático, simples e funcional.

Exatamente por isso quando a merda atingiu o ventilador o velho Mouse foi um dos primeiros a perceber o que estava acontecendo e entender a gravidade do problema.

Veja, é preciso entender a duplicidade mortal que reside em uma cidadela, ou qualquer outra construção que tenha sido criada para manter algo ou alguém do lado de fora. A coisa toda tem muros altos, grades, arames, barras de aço, entulho, um verdadeiro labirinto claustrofóbico. O problema é que, uma vez que as coisas que deveriam ficar do lado de fora entram, a cidadela perde

sua função original e assume outra imediatamente e justamente pelos mesmos elementos que a faziam segura em um primeiro momento.

O que eu quero dizer com isso? Simples. Você constrói a cidadela pra manter as coisas mortas do lado de fora, mas se as coisas mortas estouram uma, eu disse UMA das entradas, isso significa que você está preso na cidadela com os mortos-vivos que entraram.

E foi exatamente isso que o velho Mouse entendeu. Com a invasão de mortos-vivos, a cidadela se transformou em uma ratoeira humana.

E o que se fazer em uma hora dessas? Bom, nada de correr para as ruas. Em uma cidadela ruas se transformam automaticamente em becos e becos (de uma cidadela invadida) se transformam em abatedouros. Sei o que você deve estar pensando, mas se esconder também não é uma opção, a menos que você tenha um lugar seguro pra ficar com estoque ilimitado de comida. Isso porque os mortos vão zanzar pela cidadela por semanas por dois motivos básicos:

a) o primeiro é buscar comida;

b) o segundo é porque eles vão levar um tempão pra achar a saída.

Portanto, diante deste quadro você tem apenas duas opções:

a) encontrar um carro, ou algo do tipo. Algo que possa levá-lo em segurança até a saída. Que é exatamente o que a Amanda, a garçonete e eu estávamos tentando fazer;

b) ou fazer como o velho Mouse, abrindo caminho com o seu próprio lança-chamas caseiro (não diria, contudo, que se trata de uma opção das mais inteligentes).

O que vejo como problema com lança-chamas caseiro é que ele não vai matar as criaturas instantaneamente, o que vai deixar você cercado de mortos-vivos-tochas-humanas andando cegamente e incendiado tudo ao redor. Eu disse TUDO ao redor.

Some isto aos argumentos anteriores sobre a cidadela ter se tornado uma verdadeira ratoeira humana e você tem em mente o tamanho da merda a qual

estávamos submetidos.

Resumindo, o velho mouse não é uma cara brilhante e nossa noite acabou de ser elevada a dez no quesito merdas acontecem.

Continua na próxima edição!

**DOIS
CONTOS
INÉDITOS**



**DUAS
HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**



**DOIS
AUTORES:**



<http://odesejodelilith.blogspot.com/>
<http://matrixordinaria.blogspot.com/>

**RECOMENDADO PARA ADULTOS
EBOOK GRATUITO PARA DOWNLOAD**

GALERIA DE CAPAS



72-740



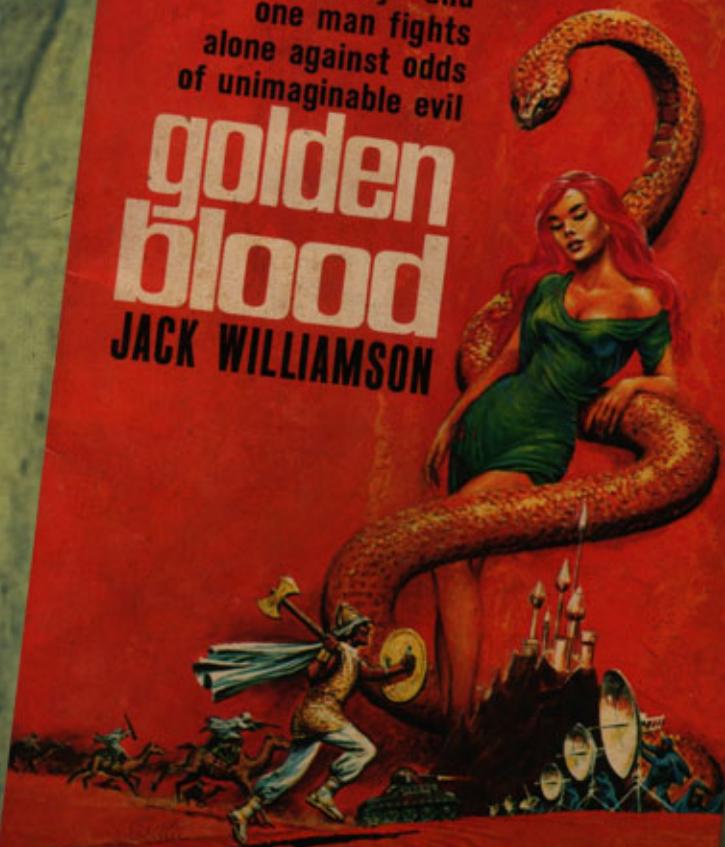
50c

LANCER SCIENCE-FICTION LIBRARY

science and sorcery
battle in a desert
of mystery—and
one man fights
alone against odds
of unimaginable evil

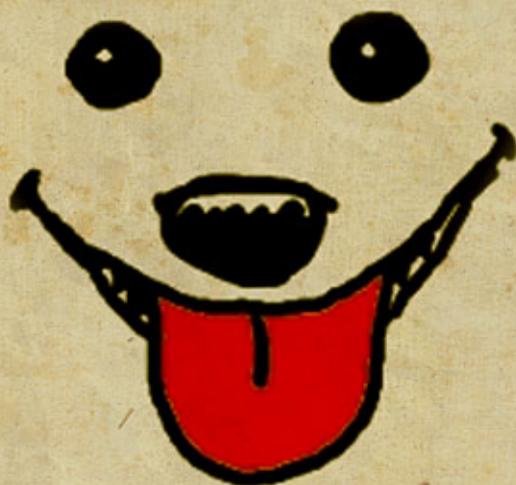
golden blood

JACK WILLIAMSON



© MDA-11

quando **VOCÊ** aparece a gente se
emociona!



*gostou do fanzine?
então conte ao amigos!!!!*

*vamos fazer alguma coisa na internet?
me mande um e-mail, me chame de amigo!*



**SEU FANZINE ANDA
MEIO DEPRESSIVO?
PRECISA DE UMA ARTE CHAMATIVA PARA SEU
CD, LIVRO OU POSTER?**

TALVEZ EU POSSA AJUDAR

**TRABALHOS EM EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, ILUSTRAÇÃO E ARTE GRÁFICA
ENTRE EM CONTATO: hanarquiala@gmail.com**

[HTTP://MATRIXORDINARIA.BLOGSPOT.COM/](http://matrixordinaria.blogspot.com/)

**SINTA-SE LIVRE PARA COPIAR, DISTRIBUIR E/OU
DISPONIBILIZAR ESTA OBRA EM SEU SITE/BLOG,
APENAS CITE A FONTE E UM LINK PARA O MEU
BLOG:**

[HTTP://MATRIXORDINARIA.BLOGSPOT.COM/](http://MATRIXORDINARIA.BLOGSPOT.COM/)

**ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO SOB UMA
LICENÇA CREATIVE COMMONS ATRIBUIÇÃO-USO
NÃO-COMERCIAL-VEDADA A CRIAÇÃO DE OBRAS
DERIVADAS 2.5 BRASIL. PARA VER UMA CÓPIA
DESTA LICENÇA, VISITE:**

[HTTP://CREATIVECOMMONS.ORG/LICENSES/BY-NC-ND/2.5/BR/](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/) OU ENVIE UMA CARTA PARA CREATIVE COMMONS, 171 SECOND STREET, SUITE 300, SAN FRANCISCO, CALIFORNIA 94105, USA.



HUGO MAXIMO

**NUNCA
SE SABE**